



CINEMA E NEOLIBERALISMO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO NÃO VERBAL

Claudio de Alencar Padua¹

A arte do cinema e a indústria do filme são apenas as partes que emergem à nossa consciência de um fenômeno que devemos tentar apreender em sua plenitude. Mas a parte submersa, a evidência obscura, confunde-se com nossa própria substância humana, ela mesma evidente e obscura, como o bater do nosso coração, as paixões da nossa alma. É por isso, como diz Jean Epstein, que “nós ignoramos tudo o que ignoramos do cinema”. Podemos acrescentar, ou melhor, deduzir: não sabemos nem mesmo o que sabemos do cinema. Uma membrana separa o homo cinematograficus do homo sapiens; da mesma forma que separa nossa vida de nossa consciência (Edgar Morin – O cinema ou o homem imaginário).

INTRODUÇÃO

Partindo de um recorte muito particular e restrito da minha dissertação (PADUA, 2021), este trabalho se propõe a apresentar, no âmbito do não verbal, uma breve análise discursiva da saga *Blade Runner*. Na pesquisa de mestrado, tentei compreender, descrever e analisar como, em uma obra cinematográfica, a sonoridade – que não é apenas o som, mas compreende fala, ruídos, música e até mesmo imagem – pode materializar discursivamente o “político-ideológico”.

Escolhi trabalhar com o discurso lúdico, nos termos da tipologia proposta por Orlandi (1983), pois é aquele em que se permite a reversibilidade total, ou seja, a troca de papéis entre locutor e ouvinte, “sendo que o objeto do discurso se mantém como tal na interlocução, resultando disso a polissemia aberta” e “o exagero é o *non sense*” (ORLANDI, 1983, p. 142, grifo da autora). É nessa tensão entre as paráfrases e a polissemia levada ao extremo que se pode identificar a materialidade discursiva e a textualidade do objeto a ser analisado, que não são da ordem do verbal, mas do simbólico e do ideológico.

No vídeo² elaborado para o simpósio VI – Tecnologias, mídias, ideologia – do X SEAD, foram apresentadas duas sequências discursivas (a partir de agora SD), cada uma recortada de uma obra cinematográfica do gênero da ficção científica, produzidas em épocas diferentes e dirigidas por diferentes realizadores, afastadas no tempo, tanto da produção quanto do enredo, por trinta e cinco anos, e compõem uma saga dividida em dois capítulos, com roteiros que se interconectam temática e narrativamente, livremente inspirados no romance de Philip K. DICK, “*Do androids dream of electric sheep?*” ([1966] 2017), no qual o autor levanta questões relacionadas ao desenvolvimento técnico científico e suas consequências sobre a realidade e sobre a ordem estabelecidas, aportando reflexões filosóficas, políticas e sociais, e utilizando uma forma inovadora para se pensar e criticar o autoritarismo.

¹ Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGLIN UFRJ; doutorando em linguística na mesma instituição; membro colaborador do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – PEUL/UFRJ. claudiopadua@letras.ufrj.br

² Disponível em: <https://youtu.be/7uVeBGPdeck>.

O primeiro longa-metragem, “*Blade Runner – O Caçador de androides*”, do qual retirei a SD que denominei “*Tears in the rain*”, foi dirigido pelo britânico Ridley Scott e lançado no Brasil, em 1982, logo após a ascensão de Margaret Thatcher ao governo do Reino Unido e de Ronald Reagan, nos Estados Unidos – momento de instauração do projeto “político-ideológico” neoliberal. O segundo, do qual retirei a SD “*Tears in the snow*”, foi dirigido pelo franco-canadense Dennis Villeneuve e lançado mundialmente em 2017, com o título “*Blade Runner 2049*”, obra cuja produção executiva ficou a cargo de Ridley Scott e cujos trabalhos se iniciaram em 2011, na esteira da erupção da crise econômica mundial de 2008, consequência da desregulamentação desenfreada promovida pelo neoliberalismo.

Acredito que esta saga possibilite metaforizar o processo de implantação e a consolidação em escala global da ideologia neoliberal, processo em que as corporações transnacionais se articulam e simultaneamente detém o exercício do poder, da repressão e da conformação ideológica, agindo como superestrutura “jurídico-política” e ideológica e operando sobre a reprodução/transformação das relações de poder.

Para esse fim, foram mobilizados os pressupostos teóricos da Análise do Discurso da Escola Francesa, fundada por Michel Pêcheux, e as propostas de Tania Clemente de Souza (2001, 2018) para a análise do não verbal.

OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho são mostrar como, no âmbito da intertextualidade e da interdiscursividade do não verbal, como o “político-ideológico” pode se materializar discursivamente, e propor uma reflexão sobre o que considero importante e significante: como (re)pensar discursivamente a noção dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), tal como proposta por Althusser ([1970] 1980), e em como se operam as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção, como postuladas por Pêcheux ([1975] 2018), a partir do processo de implantação e consolidação do neoliberalismo como ideologia dominante em escala global a partir da década de 1970.

E por que repensar os textos de Althusser e Pêcheux? Simplesmente porque o neoliberalismo traz inovações quanto à instituição da ideologia, bem como na dinâmica de funcionamento dos AIE, o que só começou a ser levado em conta a partir do final do século XX por filósofos como Zigmunt Baumann (2007, 2010) e, no Brasil, a partir da década de 2010, por pensadores como o filósofo Vladimir Safatle e o psicanalista Christian Dunker (2020).

METODOLOGIA

As duas cenas selecionadas representam o clímax em cada um dos filmes citados e retratam o momento em que um replicante morre, ou é aposentado (como se diz eufemicamente), que foram trabalhadas como SD, da forma proposta por Courtine (1981, 2011, 2016), no bojo das quais se operou com recortes que conduziram a análise numa dimensão intertextual, visando à construção de um espaço homogêneo e estável de condições de produção, que limita um campo discursivo de referência e permite trabalhar a tensão entre paráfrase e polissemia no movimento de efeitos de sentidos.

A análise das SD no domínio do não verbal se utiliza dos conceitos de policromia e de arquitetura do não verbal, elaborados por Souza (2001, 2018), que permitem compreender a relação complexa entre as imagens, ao produzirem diferentes perspectivas instauradas pelo eu na/pela imagem, favorecendo a percepção dos movimentos no plano do sinestésico e a apreensão de diferentes sentidos no plano “discursivo-ideológico”. É pelo viés da policromia que se instituem os operadores discursivos não verbais, levando em consideração elementos como o jogo de cor, luz, sombra etc. e se direciona e se constrói o olhar através de gestos de interpretação que recortam as paráfrases visuais que constituem o corpo da imagem e dão lugar aos deslizamentos de sentidos, aos efeitos metafóricos, ordenados pela injunção do dizer. Souza ainda postula que a arquitetura do não verbal é constituída pelas relações sintagmáticas dos operadores não verbais ao operar na construção do sentido, funcionando como ponto de estabilização da construção discursiva e deixando traços da intradiscursividade da sequência textual. As paráfrases não verbais funcionam como ponto de deriva, deixando traços da interdiscursividade da sequência textual ao produzir um deslocamento, o rompimento da lógica sintática que dará lugar à autonomização do mundo discursivo autorreferido. É no entrelaçamento da policromia com a arquitetura do não verbal que se identifica a materialidade discursiva em seus diferentes fios discursivos.

ANÁLISE

Enveredando pelos conceitos elaborados por Souza, começo por destacar alguns dos operadores discursivos não verbais que compõem a policromia das SD.

Observa-se de imediato a diferença marcante no uso de cores – quentes e intensas, em *Tears in the rain*, aportando dinâmica à ação; frias e suaves em *Tears in the snow*, produzindo efeito de apagamento. Ainda no que se refere a luzes e cores, em *Tears in the rain*, produz-se estranhamento ao se dar proeminência luminosa ao fundo, em detrimento do foco, que permanece na penumbra. Esse fundo é composto por letreiros luminosos das grandes corporações para produzir efeito de sentido em que se identificam a onipresença e o domínio das corporações transnacionais.

Ainda em *Tears in the rain*, o enquadramento das personagens é explorado de forma a produzir realce e engrandecimento do replicante Roy, com a tomada de câmera realizada de baixo para cima (contra-plongée), enquanto o *Blade Runner* Deckard é diminuído e inferiorizado pelo enquadramento de cima para baixo (plongée). A perspectiva cinematográfica que imprime grandeza à imagem de Roy, metaforiza também sua grandeza interior, pois ele salva aquele que o perseguia para matá-lo, o *Blade Runner* Deckard. Por outro lado, em *Tears in the snow*, o então *Blade Runner* K, um replicante, é enquadrado de forma nivelada a Deckard, a personagem que agora está sendo caçada, enquanto, na primeira obra, era o caçador. Ao nivelá-los na fotografia, nivelá-os também no assujeitamento à doutrina e aos princípios do neoliberalismo.

Cabe notar que Roy e K, respectivamente replicante caçado no primeiro filme e o replicante *Blade Runner* (caçador) do segundo, representam posições discursivas opostas. O primeiro é aquele que se rebela contra sua condição de escravo e de produto que pode ser consumido e depois descartado, que reforça a sua diferença/individualidade perante os demais, que exprime sua indignação com o processo ideológico (neoliberal) em instauração. O segundo é o resultado de um projeto consolidado. Não reafirma sua individualidade e se submete à estrutura que o consome, numa posição de resignação e entrega. Ainda

com relação ao enquadramento, o uso da verticalidade na primeira SD traduz o dinamismo do processo vertiginoso e inexorável de instauração da nova ideologia, enquanto, na segunda, o uso da horizontalidade denota a estabilização dos processos, com a doutrina já consolidada.

Outro operador discursivo que gostaria de destacar são as imagens que remetem à iconografia cristã: o sangue que corre pelo rosto de ambos os replicantes, reproduzindo metaforicamente a imagem de Cristo coroado por espinhos; a pomba branca na mão de Roy; a letra T do luminoso que se destaca por detrás de Roy, retratando-o como se estivesse crucificado; além a mão de Roy transpassada por um grande prego. Em *Tears in the snow*, exibe-se o replicante/Blade Runner K fitando a própria mão, onde não se vê nenhum prego transpassando-a, ainda que esteja lá significando.

Finalmente, um elemento não verbal de importância nas SD é a música que as acompanha – *Tears in the rain*, composta para o filme de Ridley Scott pelo músico grego Vangelis –, também utilizada por Denis Villeneuve em sua obra, ainda que com um novo arranjo. Ressalto, então, que as lágrimas de Roy, encobertas pela chuva, em *Tears in the rain*, também são apagadas em *Tears in the snow*, mas, em um novo deslizamento de sentidos, como o prego, também estão lá, significando pela música.

O conjunto desses operadores não verbais, segundo minha interpretação, materializa discursivamente o funcionamento dos Aparelhos Ideológicos de Estado ou, melhor dizendo, os Aparelhos Ideológicos das Entidades Supranacionais.

PARA CONCLUIR

Pela análise da intertextualidade e interdiscursividade entre as duas cenas, ao se pensar na policromia e na arquitetura do não verbal, pode-se apreender o quadro global de meio século na história da humanidade em que o neoliberalismo se consolidou como ideologia dominante, com as corporações transnacionais deslocando o Estado para uma posição de mais uma instituição a funcionar como um novo tipo de Aparelho, somado ao Ideológico e ao de Repressão, postulados por Althusser. As corporações assumem assim a posição de instituição de poder, no lugar dos Estados-Nação e da Igreja, os quais se converteram em apenas meios de implantação e de instrumentalização das práticas e das políticas neoliberais.

De acordo com a minha interpretação, a saga *Blade Runner* metaforiza o Neoliberalismo e o processo, desde a sua implantação (*Blade Runner – O caçador de androides*) à sua completa consolidação (*Blade Runner 2049*), que o instituiu como ideologia dominante no mundo capitalista globalizado.

Em “*Blade Runner – O caçador de androides*” (SCOTT, 1982), pode-se perceber um alerta contra as trevas, materializadas nas imagens dark-góticas, que representam o obscurantismo e a ilusão do processo, além da onipresença das corporações transnacionais, materializadas em letreiros luminosos (fundo) ofuscando as personagens (figura), no contexto de institucionalização da ideologia neoliberal, em que o Aparelho Repressivo de Estado (ALTHUSSER, [1970] 1980) – os caçadores de androides – promove o descarte (aposentação) dos replicantes (mão de obra indispensável à manutenção dos meios de produção), quando considerados indesejáveis. Nesse sentido, os escritos de Bauman (2007, 2010) apontam para a grande e importante reflexão de que o neoliberalismo, como política de consumo, conduz à

“objetificação dos sujeitos”, que são reduzidos ao nível de consumo a que têm acesso e, ao consumirem, se tornam assim também consumíveis.

Por outro lado, em “*Blade Runner 2049*” (VILLENEUVE, 2017), pode-se identificar um libelo contra a submissão à ideologia (já) consolidada do neoliberalismo, ao mostrar que, uma vez instalada, essa ideologia se tornou transparente – apagamentos e silêncio que produzem deslizamento de sentidos – para os indivíduos que, por ela, são explorados. Na ilusão da meritocracia e do auto empreendedorismo, esses mesmos indivíduos passam a pregar o “novo credo”, a “nova religião” (o neoliberalismo), e a repeti-lo e a reproduzi-lo sem refletirem nem se darem conta da “nova” ideologia que os assujeitou, assegurando assim a reprodução/transformação das relações de produção, da forma como postulada por Pêcheux ([1975] 2018). Não dá para esquecer a etimologia da palavra sujeito que, segundo Antenor Nascentes (1932), tem sua origem no latim: *subjectu*, e significa atirado para baixo, que, em francês, também significa súdito. Novos/renovados súditos para novos monarcas.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução: Joaquim José de Moura Ramos. 1. ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, [1970]1980.
- BAUMAN, Z. **Vida para o consumo** – a transformação das pessoas em mercadoria. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Z. **Capitalismo parasita**. Tradução: Eliana Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- COURTINE, J-J. Definição de orientações técnicas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. Tradução: Flávia Clemente de Souza e Márcio Lázaro Almeida da Silva. **Policromias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 14-35, jun. 2016.
- COURTINE, J-J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. **Langages**, v. 15, n. 62, p. 9-128, 1981. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lge_0458-726x_1981_num_15_62_1873. Acesso em: 17 jan. 2019.
- DICK, P. K. **Do androids dream of electric sheep?** New York: Del Rey, [1966] 2017.
- NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1932.
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento** – As formas do discurso. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ORLANDI, E. P. **Análise De Discurso** – Princípios & Procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: No movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- ORLANDI, E. P. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. **Rua**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 35–47, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638914>. Acesso em: 10 set. 2018.
- ORLANDI, E. P. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. **Rua**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 9-20, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640626>. Acesso em: 2 mai. 2020.
- PADUA, Claudio de Alencar. **Cinema e Neoliberalismo**: Uma análise discursiva da saga *Blade Runner*. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso** – uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Silvana Mabel Serrani. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 2018.

SAFATLE, V. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. cap 1, p. 17-46.

SOUZA, T. C. C. de. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Rua**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 65–94, 2001. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640721>. Acesso em: 7 jun. 2019.

SOUZA, T. C. C. de. Discurso e cinema: (i)materialidades discursivas e efeitos metafóricos. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, Araraquara, v. 11, n. 1, p. 23–37, 2013. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/6098>. Acesso em: 6 ago. 2018.

FILMOGRAFIA

SCOTT, R. **Blade Runner**: O caçador de androides. (1982) EUA, cor. Produção: Suspense/Ficção Científica; 117 min.; roteiro: Hampton Fancher e David Peoples.

VILLENEUVE, D. **Blade Runner 2049**. (2017) EUA, cor. Produção: Suspense/Ficção Científica; 163 min; roteiro: Hampton Fancher e Michael Green.